

AY KAKYRI TAMA
(EU MORO NA CIDADE)

Poemas



Márcia Wayna Kambeba

Márcia Wayna Kambeba

AY KAKYRI TAMA
(EU MORDO NA CIDADE)



Poemas

Márcia Wayna Kambeba

AY KAKYRI TAMÁ
(EU MORDO NA CIDADE)



Poemas

Manaus - 2013

Copyright © 2013 Márcia Wayna Kambeba
Essa obra foi editada conforme o acordo ortográfico de 2009.
Permitida a reprodução parcial desde que citada a fonte.

Márcia Wayna Kambeba | **Autora**

Márcia Wayna Kambeba | **Fotos**

Eduardo de Castro Lacerda | **Capa e Projeto Gráfico**

Márcia Wayna Kambeba | **Imagens de Capa**

Márcia Wayna Kambeba | **Revisão**

Grafisa Gráfica e Editora | **Impressão e Acabamento**

(Ficha catalográfica elaborada por Bibliotecária Zina Pinheiro CRB 11/611)

K15 Kambeba, Márcia Wayna

Poemas e crônicas: Ay Kakyri Tama = Eu moro na cidade / Márcia Wayna Kambeba -- Manaus: Grafisa Gráfica e Editora, 2013.

x,76 p. il.

Título Equivalente : Ay Kakyri Tama = Eu moro na cidade

ISBN

Contatos

Fone: (92) 9220-9007

E-mails: marciacambeba@gmail.com

mvs.omagua@hotmail.com



Agradecimentos

A Tupã que nos deu o dom da vida, que nos sustenta e nos governa, que nos presenteou com o dom da inteligência e fortalece nossa caminhada.

Aos meus amores: Carlos Augusto, meu filho, e José Carlos meu esposo, pelo companheirismo na pesquisa, dedicação, paciência, pela alegria, pelo incentivo em todos os meus projetos e o mais importante, pelo pureza do seu amor.

A minha mãe-avó Assunta Vieira *“in memória”*, dedico, de modo especial, toda minha conquista, pela criação que me deu. A minha mãe Socorro Vieira e a todos os meus familiares que comigo trago na lembrança e no coração.

Agradeço o apoio e o incentivo do Museu Amazônico na pessoa da profa. Dra. Maria Helena, a Universidade Federal do Amazonas na pessoa da profa. Dra. Amélia Regina que me orientou no mestrado.





Aos parentes indígenas da Aldeia Tururucari - Uka por abrirem o baú de suas memórias e me permitirem participar. Agradeço a confiança, o carinho e a amizade. Aos parentes Omágua/Kambebe que vivem na cidade pelo seu assumir e pelo comprometimento com nossa luta, e a todos os povos indígenas dessa Amazônia.

A todos os meus amigos que, de uma forma direta ou indireta me ajudaram a escrever esse livro de poemas manifestado no incentivo, encorajamento e na amizade. De modo particular, aos amigos: Celso Braga (poeta e compositor), Eylan Lins (poeta e historiador) Miguel de Souza (poeta), Adejana Meireles (cantora e compositora) e ao poeta Leon Levi pela participação nesse livro com poemas.

A autora





Dedicatória

Esse livro é dedicado, a todos os povos indígenas da Amazônia, que mantêm vivo em seu ser a chama da ancestralidade dos valentes guerreiros. Ao povo Omágua/Kambeba, por manter sempre a lógica de serem sim, o povo Omágua, o povo das águas. Aos Omágua/Kambeba da aldeia Tururuca-Uka e de São Paulo de Olivença, pelo comprometimento, confiança com a minha pesquisa e amizade que nutrimos mesmo a distância.

A autora





Sumário

Apresentação.....	13	Os Filhos das Águas do Solimões.....	47
Introdução.....	17	Tana Kanata Ayetu (Nossa Luz Radiante).....	49
Poemas e Crônicas – Ay Kakyritama.....	21	São Paulo de Olivença – Presença Kambeba.....	51
Ay Kakyritama (Eu moro na cidade).....	23	Belém Indígena – Belém Cabocla.....	53
Ser Indígena–Ser Omágua.....	25	O Mar de Ajuruteua.....	55
Silêncio Guerreiro.....	27	Natureza em Chama.....	57
Árvore da Vida.....	29	A Sina do Pescador.....	59
Ritual Indígena.....	31	Caboclo Ribeirinho.....	61
Aldeia Tururucari-Uka (A Casa de Tururucari).....	33	Participações Especiais.....	63
União dos povos.....	35	Rosa Petany (Rosa Vermelha).....	65
Tana Kumuera Ymimiua (Nossa Língua Ancestral).....	37	Kambeba.....	67
Território Ancestral.....	39	Nobreza.....	69
Minha Memória – Meu Legado.....	41	Vitória Tão Régia.....	71
Tuxaua Kambeba.....	43	Márcia Kambeba.....	73
Minha Pena Vermelha.....	45	Glossário.....	75





Apresentação

A presença dos Cambeba na Amazônia é resultado da grande migração Tupi rumo a *terra sem males*, dois ou três séculos antes da colonização europeia. Os primeiros registros escritos sobre esses índios feitos entre séculos XVI e XVII são contraditórios, mas a maioria fala de grandes povoados Omága ou Cambeba, com poder político centralizado em torno de um principal cuja influência atingia áreas geográficas de até 700 km. Enquanto para uns os Cambeba eram liderados por grandes senhores, confeccionavam suas próprias roupas, tinham o corpo elegante e a pele clara sendo, por isso, vistos como “mais civilizados” que outros povos para outros, eles eram violentos, sanguinários e antropófagos.

Controversas à parte, é importante destacar que as diferentes imagens dos Cambeba na documentação colonial estão associadas não apenas à

forma particular de ver o mundo e aos interesses de quem fez os relatos, mas também às diferentes respostas que esses índios darem ao mundo colonial. Para Alexandre Rodrigues Ferreira, meado do século XVIII, eles teriam respondido que achatavam o crânio das crianças, hábito que lhes rendeu a denominação “cambeba” (cabeça chata) para se diferenciarem dos índios antropófagos e se safarem da escravidão.

Reduzidos a pequenos grupos esses índios atravessaram o século XIX buscando diferentes formas de responder aos novos desafios. Em muitos casos tiveram até que se aliar a seus antigos inimigos como os Tikuna, por exemplo, e aos brancos. Em depoimento para a autora deste livro em 2012, Valdomiro Cruz, o patriarca dos Cambeba no Brasil relatou que por ocasião da Guerra do Paraguai, os Cambeba foram “adotados” por um patrão branco





recebendo dele o sobrenome Cruz, provavelmente, para não irem à guerra, como índios errantes ou vadios. Curiosamente, Cruz, também era o sobrenome de Dionísio, o último Cambeba de cabeça achatada encontrado por Alexandre Rodrigues Ferreira.

Deste modo, a palavra “cruz” para os Cambeba significa não apenas a imposição do cristianismo católico e da política indigenista colonial, mas retrata também parte de sua história de contato com o mundo ocidental, simbolizando também suas alianças e suas diversas estratégias de relações com o mundo ocidental.

Em sua memória coletiva os Cambeba guardam ainda outras respostas dadas aos brancos. Relatam que durante parte do século XX se alguém parasse no porto de suas aldeias e perguntasse se ali tinha índios, a ordem era dizer que não. Somente na década de 1980, liderados pela família de Valdomiro Cruz, os Cambeba reassumiram sua identidade étnica no médio Solimões. De lá para cá, fizeram novas alianças políticas, demarcaram parte de seus territórios e reinventaram vários aspectos de sua cultura ancestral. Reaprenderam parte de sua língua tradicional, de suas danças e cantos e mantiveram viva a luta por seus direitos, reelaborando novas respostas e novos instrumentos de resistência.

Neste contexto, o livro “*Ay Kakyri Tama*” de Márcia Wayna Kambeba não é apenas a reunião de alguns poemas e crônicas sobre um grupo indígena da Amazônia. Nem é, tão pouco, uma simples aventura de uma “indígena da cidade” pelos difíceis labirintos da poesia e da literatura. Menos ainda uma mera “pulada de muro” de uma geógrafa para

uma outra área do saber. Entre a diversidade dos temas abordados, o livro tem uma linha mestra, uma identidade clara: é, antes de tudo, um testemunho vivo e vivido, uma resposta serena e firme de um espírito inquieto e livre a problemas e questões dos índios, dada por uma mulher que pesquisando e trabalhando com os Cambeba, identificou-se neles e com eles, tronando-se uma de suas legítimas representantes.

Por isso, é também um *livro documento*. Documento de vida, que reuni *coragem denúncia* e *esperança*. Coragem, porque traz à tona problemas de identidade étnica do passado e do presente dos índios que desafiam permanentemente as relações interétnicas na Amazônia; denúncia, porque escancara o cinismo e o preconceito da sociedade brasileira contra os índios, especialmente, contra os “índios citadinos”; esperança porque não se perde na lamentação das perdas e nem se contenta com a aclamação de um “passado heroico”, mas rima agradável e sutilmente a dinâmica da vida indígena e a realidade social na Amazônia. É numa lição de vida e de cidadania. Mais uma resposta inteligente dos Cambeba ao mundo dos brancos. Enfim, é uma flecha que rasga o tempo da história e quebra o silêncio monstruoso que protege aqueles que se sentem vencedores.

Benedito Maciel¹

*Msc. e Doutorando em Sociedade e Cultura na Amazônia
Lago do Uarini, AM, 02 de junho de 2013.*

¹ Graduado em História e Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM.





Introdução

Sou indígena Omágua/Kambeba, e para mim, hoje, falar dos povos indígenas, é falar de minha própria história. Mas, para conhecer melhor sobre os povos indígenas, de modo particular o povo Omágua/Kambeba e manter uma aproximação, é preciso primeiro, começar tratando-os como de fato são: diferentes étnico, cultural e socialmente, respeitando a diversidade cultural. Chamando-os como se autodenominam, Omágua/Kambeba, Guarani, Tembê, Tikuna, etc. Assim, a identidade de cada pessoa, estará vinculada a etnia a qual pertence, levando em conta suas peculiaridades manifestadas no modo de vida, na sua territorialidade que os torna diferentes dos não-indígenas. A luta do povo Omágua/Kambeba, e dos demais povos, não se resume apenas em defender seus limites territoriais, lutam também por uma forma de existência, presente no modo diferente de viver, ver,

sentir, pensar, agir e de seguirem construindo sua história, lutando por seus direitos, tendo como um dos objetivos o ensino da língua materna. A língua Omágua/Kambeba durante anos, vem apresentando sinais de declínio, mas se mantém viva, através dos ensinamentos às crianças e aos adultos.

Mas, quem são os Omágua/Kambeba? Abro aqui um parêntese para explicar que, Omágua (nome original da etnia) significa pelo que se pôde colher nas pesquisas “cabeça de homem”, e Kambeba (apelido dado ao povo devido a prática da remodelação do crânio) significa “cabeça-chata”. No entanto, fazemos uso dos dois termos para nos referirmos a etnia. Ressalto ainda, que esse povo, sempre usou roupas, confeccionavam suas próprias vestimentas desde o século XVIII, por este e outros motivos foram tidos pelos viajantes da época, como povo de mais razão.





Ao contrário das teses que apontam um caminho inexorável de perda cultural do povo Omágua/Kambéba, tem-se vários fatores para comprovar que esse povo continua resistindo e mantendo sua cultura, mesmo enfrentando dificuldades por parte de agentes não - indígenas. Para isso, usam de estratégias, táticas e astúcias, que se manifestam em pequenos focos de resistências, bem como, no modo de vida e na língua como elemento de transmissão de saberes. Segundo Vilas Bôas (2000), “ainda há quem pense que os indígenas são criaturas destituídas de cultura. Aqueles que não os conhece bem e que com eles não convivem tendem a imaginá-los como seres que vivem na natureza isolados, sem quaisquer perspectiva de vida e preceito humanístico. Como ninguém, eles se consideram parte da natureza, e tem por ela um respeito que a nossa sociedade perdeu há muito tempo”.

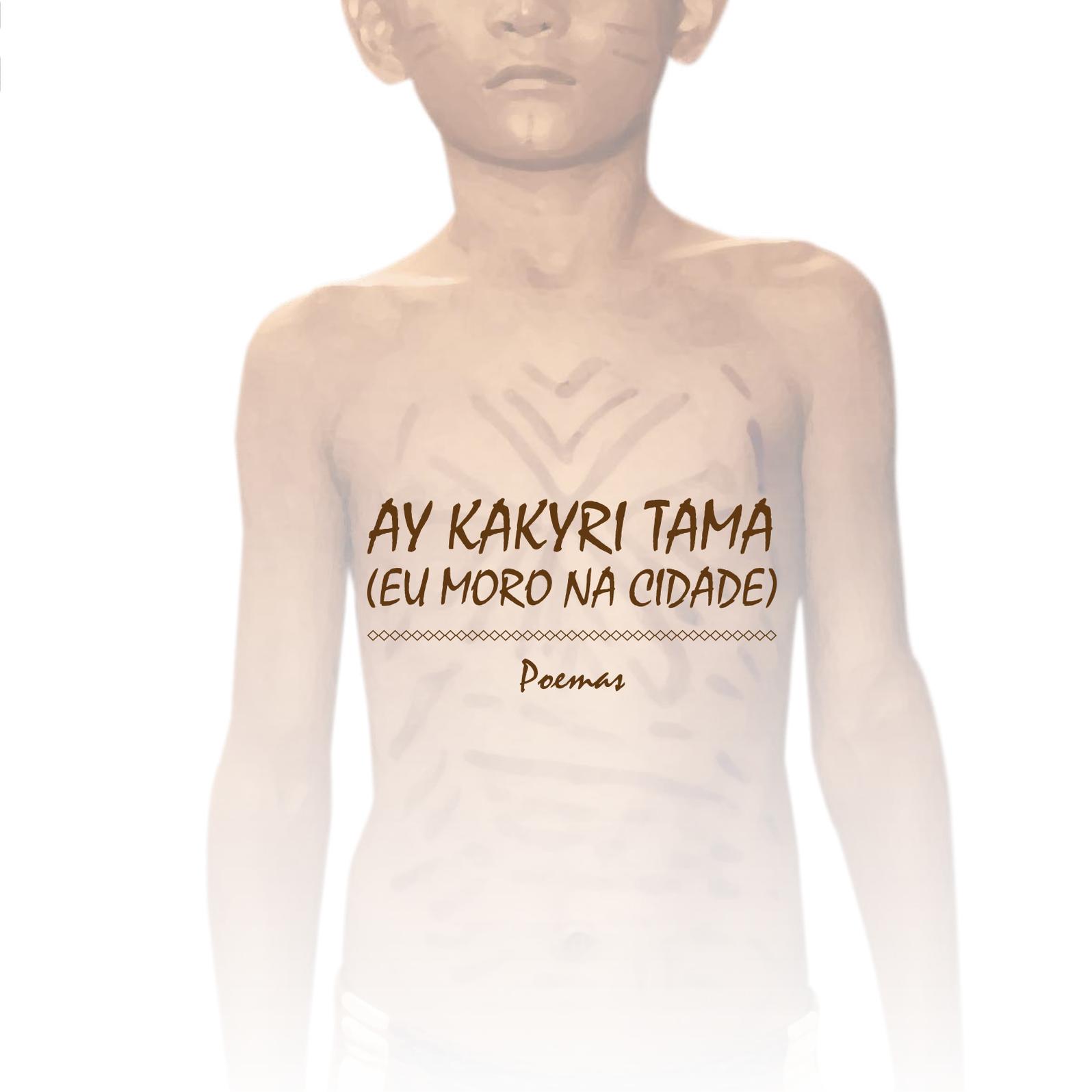
É importante dizer, que os povos indígenas hoje, de modo particular o povo Omágua/Kambéba, mesmo aldeados, não deixam de ter uma relação com a cidade, manifestada nas relações que são mantidas no cotidiano, na utilização de aparelhos eletrônicos que facilitam a comunicação entre am-

bos, na busca de sabres na escola do “branco”, não com a intenção de apagar a nossa língua materna, mas, de modo a contribuir com nossa luta em prol da manutenção do nosso tesouro ancestral, uma vez que a flecha deu lugar a uma luta política, com argumentos bem consistentes por nosos direitos a conservação do nosso patrimônio material e imaterial e a interculturalidade respeitando nossa forma de ser. O mesmo se dá com a cidade, é comum encontrar na casa do amazonense uma rede feita de tucum, um fogão a lenha, unido a culinária, macaxeira, banana, peixe assado, além de nomes de pessoas e cidades que representam a cultura e a língua dos povos indígenas como Iracy (nome de pessoa) Icoaracy (nome de cidade).

Portanto, os povos indígenas, mesmo que de formas diferentes, mantêm o mesmo ideal de conservar sua cultura como herança ancestral. Esse livro é um convite a um engajamento nessa luta pela manutenção da cultura dos que contribuíram para a formação do estado brasileiro e hoje buscam seu reconhecimento, seu respeito.

A Autora





AY KAKYRI TAMA
(EU MORO NA CIDADE)



Poemas





AY KAKUYRI TAMA
(Eu Moro na Cidade)

*Ay kakuyri tama.
Ynua tama verano y tana rytama.
Ruaia manuta tana cultura ymimiua,
Sany may-tini, iapã iapuraxi tanu ritual.*

Tradução:

Eu moro na cidade
Esta cidade também é nossa aldeia,
Não apagamos nossa cultura ancestral,
Vem homem branco, vamos dançar nosso ritual.

Nasci na *Uka* sagrada,
Na mata por tempos vivi,
Na terra dos povos indígenas,
Sou *Wayna*, filha da mãe *Aracy*.

Minha casa era feita de palha,
Simples, na aldeia cresci
Na lembrança que trago agora,
De um lugar que eu nunca esqueci.

Meu canto era bem diferente,
Cantava na língua *Tupi*,
Hoje, meu canto guerreiro,
Se une aos Kambeba, aos Tembê, aos Guarani.

Hoje, no mundo em que vivo,
Minha selva, em pedra se tornou,
Não tenho a calma de outrora,
Minha rotina também já mudou.

Em convívio com a sociedade,
Minha cara de “*índia*” não se transformou,
Posso ser quem tu és,
Sem perder a essência que sou,

Mantenho meu ser indígena,
Na minha Identidade,
Falando da importância do meu povo,
Mesmo vivendo na cidade.







SER INDÍGENA – SER OMÁGUA

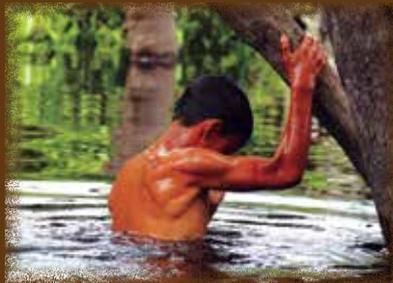
Sou filha da selva, minha fala é Tupi.
Trago em meu peito,
as dores e as alegrias do povo Kambeba
e na alma, a força de reafirmar a
nossa identidade,
que há tempo fico esquecida,
diluída na história.
Mas hoje, revivo e resgato a chama
ancestral de nossa memória.

Sou Kambeba e existo sim:
No toque de todos tambores,
na força de todos os arcos,
no sangue derramado que ainda colore
essa terra que é nossa.
Nossa dança guerreira tem começo,

mas não tem fim!
Foi a partir de uma gota d'água
que o sopro da vida
gerou o povo Omágua.
E na dança dos tempos
pajés e curacas
mantêm a palavra
dos espíritos da mata,
refúgio e morada
do povo cabeça-chata.

Que o nosso canto ecoe pelos ares
como um grito de clamor a Tupã,
em ritos sagrados,
em templos erguidos,
em todas as manhãs!







SILÊNCIO GUERREIRO

No território indígena,
O silêncio é sabedoria milenar,
Aprendemos com os mais velhos
A ouvir, mais que falar.

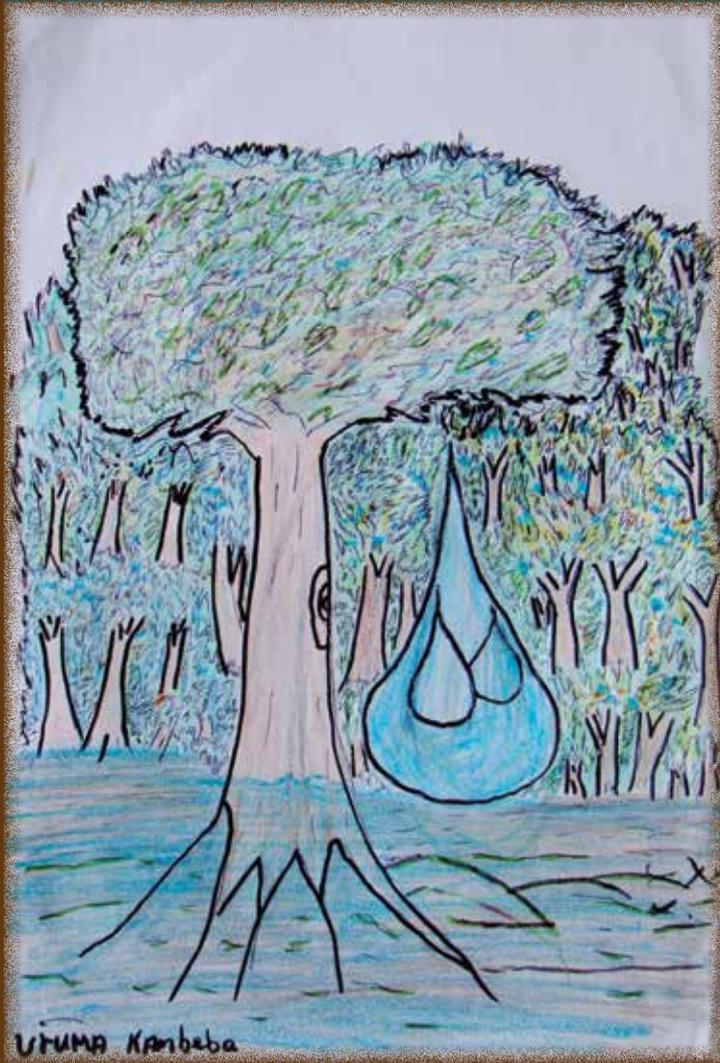
No silêncio da minha flecha,
Resisti, não fui vencido,
Fiz do silêncio a minha arma
Pra lutar contra o inimigo.

Silenciar é preciso,
Para ouvir com o coração,
A voz da natureza,
O choro do nosso chão,

O canto da mãe d'água
Que na dança com o vento,
Pede que a respeite,
Pois é fonte de sustento.

É preciso silenciar,
Para pensar na solução,
De frear o homem branco,
Defendendo nosso lar,
Fonte de vida e beleza,
Para nós, para a nação!







ÁRVORE DA VIDA

Sany uny yuçuca tana may-sangara Kambeba!

Tradução:
Vem água, banha nossa alma Kambeba!

No despertar da aurora,
No mito de criação,
Na gota que traz a vida,
De um povo, de uma nação.

Batendo na samaumeira
Caindo feito algodão,
Pro colo do grande rio
Que num sopro de criação,
Dá vida ao “índio” guerreiro,
E a mulher, sua paixão.

Assim para o povo Omágua
A samaumeira tem a função,
De mãe das grandes árvores,
De cura e proteção,
E pelo indígena é cultuada,
Essa gigante, mãe amada,
Na dança nativa, dos povos irmãos.





Omágua cabeça – chata
Fonte: FERREIRA, Alexandre
(Iconografia V. I - 1971).





RITUAL INDÍGENA

Iapã iapuraxi o ritual!
Vamos dançar o ritual!

Em noite de yaci-tua,
O pajé convoca a nação,
Tambores ecoam na aldeia,
Começa a celebração.

Dentro da Uka sagrada,
O pajé inala o *tawari*,
E no transe evoca os seres da mata,
Vem o *mápyritua*, a curupira e o mapinguari.

A metamorfose anuncia,
A presença do sobrenatural,
Na sua forma se vê a magia,
Hora *awa*, hora animal.

O que era um culto sagrado,
Guardado como ouro ancestral,
O branco achou que era pecado,
Ivadiu meu ser espiritual.

Deixei de ser filha de *euracy* (sol),
A cruz se tornou meu sinal,
Proibiram minha dança dizendo:
Não existe mais o teu RITUAL.





Desenho: Uruma



ALDEIA TURURUCARI-UKA

(A Casa de Tururucari)

Euaracy quando desperta,
Seus raios vem nos saudar,
Mostrando que o dia começa,
É hora de trabalhar.

A aldeia do povo Kambeba,
Não é cosntruída em qualquer lugar,
O rio é um fator determinate,
Para se poder habitar,
Imprimindo nesse espaço,
Nossa cara, nosso olhar.

Diz o tuxaua maior,
O Kambeba é povo agricultor,
Não se pode deixar de plantar,
Escolheu São Tomé como protetor,
Para que tivesse boa colheita,
Nesse santo se apegou.

Na aldeia *Tururucari-Uka*,
As casas representam união,
Ordenanadas em forma de círculo,
Facilitam a comunicação,
Feitas de madeira e palha,
Mantendo a antiga tradição.

A noite *yaci* (lua) se aproxima,
Chamando o povo para ensinar,
O que os mais velhos deixaram,
Manifestado na forma de cantar,
Nas danças que representam,
A cultura imaterial, nossa herança milenar.

O som do *maraká* anuncia,
A dança vai começar,
No sopro do meu *cariçu*,
O som começo a tirar,
Do canto que vem trazer,
O curupira para dançar.

Contam os mais velhos com sabedoria,
Que o Kambeba tem um exemplo a seguir,
De um líder que lutou pelo povo,
Para não os ver sucumbir,
Pelas armas dos *may-tini*,
Tururucari, não deixou a etnia se extinguir.

Hoje, *Tururucari* representa,
União, força, luta e coragem ,
Não se sabe como ele era,
Mas se faz uma ideia de sua imagem,
Retratado no desenho do indígena *Uruma*,
Marcando essa nova linhagem.







UNIÃO DOS POVOS

Nós, povos indígenas,
Habitantes do solo sagrado,
Mesmo sem nossa aldeia,
Somos herdeiros de um passado.

Buscamos manter a cultura,
Vivendo com dignidade,
Exigimos nosso respeito,
Mesmo vivendo na cidade.

Somos parte de uma história,
Temos uma missão a cumprir,
De garantir aos *tanu muariry*,
Sua memória, seu porvir.

Vivendo na *rytama* do branco,
Minha *uka* se modificou,
Mas, a nossa luta pelo respeito,
Essa ainda não terminou.

Pela defesa do que é nosso,
Todos os povos devem se unir,
Relembrando a bravura,
Dos Kambeba, dos Macuxi,
Dos Tembé e dos Kocama,
Dos valentes Tupi Guarani.

Assim, os povos da Amazônia,
Em uma grande celebração,
Dançam o orgulho de serem,
Representantes de uma nação,
Com seu canto vem dizer:
Formamos uma aldeia de irmãos.





Complete em kambeta
 mulhe - vilha - uena - 8711
 melhu - wana - kang
 marido - mana
 negra - 73712
 nabo - sue
 pescago - 221112
 jallo - 389911
 kabela - 731111
 silio - 57513 - 122111
 pentiar - 1121112



TANA KUMUERA YMIMIUA
(Nossa Língua Ancestral)

Não se pode dizer que os Kambeba,
Esqueceram a língua Tupi,
Ainda existem alguns falantes,
Que não deixam o dialeto sumir,
No ensinamento dos que sabem,
Memorizo o que aprendi.

Kumiça yuria! kumiça ypaçu!
Tradução: Fala mata! Fala lago!

May-tini na sua grandeza,
Por não conseguir entender,
Viu nossa fala com estranheza,
Português fez o povo aprender,

Mas os Kambeba com esperteza,
Ensinavam em segredo,
Superando o que seria,
o fastama do seu medo.

Mas a língua, não é fator determinante,
Para se poder dizer,
Que um indígena não é Kambeba,
Por não saber escrever,
Na língua do seu povo,
Pois a afirmação está no *seu ser*.







TERRITÓRIO ANCESTRAL

*Maá munhã ira apigá upé rikué
Waá perewa, waá yuká
Waá munhã maá putari.*

Tradução:

O que fazer com o *homem* na vida,
Que fere, que mata,
Que faz o que quer.

Do encontro entre o “índio” e o “branco”,
Uma coisa não se pode esquecer,
Das lutas e grandes batalhas,
Para terra o direito defender.

A arma de fogo superou minha flecha,
Minha nudez se tornou escandalização,
Minha língua foi mantida no anonimato,
Mudaram minha vida, destruíram o meu chão.

Antes todos viviam unidos,
Hoje, se vive separado.
Antes se fazia o Ajuri,
Hoje, é cada um para o seu lado.

Antes a terra era nossa casa,
Hoje, se vive oprimido.
Antes era só chegar e morar,
Hoje, nosso território está dividido.

Antes para celebrar uma graça,
Fazia um grande ritual.
Hoje, expulso da minha aldeia,
Não consigo entender tanto mal.

Como estratégia de sobrevivência,
Em silêncio decidimos ficar.
Hoje nos vem a força,
De nosso direito reclamar.
Assegurando aos *tanu tyura*,
A herança do conhecimento milenar.

Mesmo vivendo na cidade,
Nos unimos por um único ideal,
Na busca pelo direito,
De ter o nosso território ancestral.

O que fazer com *homem* na vida
Que fere, que mata,
Que faz o que quer.







MINHA MEMÓRIA – MEU LEGADO
(Homenagem ao Tuxaua Valdomiro Cruz)

Sou Tuxaua Kambeba e quero falar,
Antes que a idade não me permita mais lembrar.
Da vivência de minha infância,
Das lembranças do meu povo,
Servindo de alguma forma,
Para o recomeçar de um tempo novo.

Da vida que tive, lembro como agora,
Das lutas pela terra, pela vida que foi embora,
Para muitos de meus parentes,
Que morreram na batalha,
Por um lugar pra viver
E pela continuidade de um legado,
de uma história.

As terras que foram de meus ancestrais,
Hoje, não as tenho mais
Na luta para recuperá-las,
Esperamos dos governantes
A iniciativa para demarcá-las,
E continuarmos a vida,
Em convívio com a natureza e os animais.

Filhos da água, somos os Omágua
Temos sabedoria milenar,
Valentes guerreiros,
estamos firmes na marcha
Aprendemos com os pajés,
Os saberes da natureza,
Extraindo da seringueira
O leite que virou borracha.

Vi os mais velhos prepararem o látex,
E com eles a bota vi nascer,
Na dor dos meus irmãos que nos pés iam fazer,
O molde dessa peça que usavam pra calçar,
Na busca de uma caça para a fome saciar.

Hoje, para nova geração, deixo uma mensagem,
Que mantenham essa cultura com fé e a coragem,
De serem bravos guerreiros,
divulgando a memória,
Do povo cabeça-chata que fez parte da história,
Desse Brasil miscigenado, povo de fé,
de muitas vitórias.







TUXAUA KAMBEBA

(Homenagem ao Tuxaua Valdomiro Cruz)

Na minha caminhada, muitas coisas eu vi.
O choro triste e o lamento de dor,
Ainda permanecem em minha memória,
De um povo com o qual fiz a minha história,
Para que hoje possam escutar seu grito,
seu clamor.

Quando jovem, muitas lutas travei,
Valente guerreiro me tornei,
Na defesa do meu povo, me dediquei,
Para alcançar grandes conquistas,
o título de TUXAUA conquistei.

Hoje, mesmo com a idade avançada,
Trago vivo na lembrança,
As lutas pela terra, pela vida dos que restaram
Seguindo com fé, força e esperança
De manter a nossa cultura, ensinando as crianças.

Antes de chegar a velhice, muitas coisas ensinei
Cantos, danças, lendas, tudo isso repassei,
Para que quando já cansado e
não poder mais andar,
Possam contar minha história, o meu legado,
o que deixei,
Lembrando-se de que TUXAUA KAMBEBA,
para sempre serei.







MINHA PENA VERMELHA

Nas cores das minhas plumas,
Minha identidade encena,
A sutileza do meu caminhar,
Da minha pele morena,
Pintada de jenipapo,
Contrastando com a minha pena.

No brilho dos meus olhos negros,
De formato amendoado,
Sai um olhar penetrante,
Feito bicho acuado,
Quando se sente ferido,
Quando se sente afetado,

Pelo preconceito que impede
Nosso povo de crescer,
No olhar de estranheza não posso permitir,
Que *may-tini* venha, minha alma ferir.







OS FILHOS DAS ÁGUAS DO SOLIMÕES

A água é a mãe que sustenta,
A vida que nasce como flor
Alimenta a planta e o ser vivente,
É estrada por onde anda o pescador.

Na enchente, vem veloz e furiosa,
Derrubando ribanceiras, destruindo a plantação,
Afeta a vida do indígena e ribeirinho,
é um ciclo, que se renova a cada estação.

Na vazante o rio quase some.
A praia começa a surgir,
A água, agora bem calminha,
Não tem forças para a roça destruir.

Nas margens de um rio em formação,
Vive um povo que a água fez nascer,
Em um parto de dor e emoção,
A VÁRZEA, o Kambeba escolheu pra viver.

Mas em um contato fatal,
Com um povo mais socializado,
Fez dos herdeiros das águas,
Um povo desaldeado,

Tomando seu solo sagrado,
Sem dor, piedade ou compaixão,
Os Kambeba foram escravizados,
Apresentados a “civilização”.
Exploraram a sua força,
Forjando uma falsa proteção.







TANA KANATA AYETU
(Nossa Luz Radiante)

Tuyuca com sua magia,
Um canto se faz ecoar,
Com a orquestra dos passarinhos
A música paira no ar,
Mas, é preciso sensibilidade,
Para a melodia escutar.

Nas escala musical
O roxinol vem nos mostrar,
Sua voz graciosa,
Que unida ao sabiá,
Formam uma dupla harmoniosa,
E com suavidade, nossa vida vem alegrar.

E diante de tanta beleza,
Deste solo verde e marrom,
Convivem os povos indígenas
Dividindo os bens em comum,
E com a força da natureza,
Deus mostra sua realeza,
Na presença de Tana Kanata Ayetu.







SÃO PAULO DE OLIVENÇA – PRESENÇA KAMBEBA

(Homenagem ao povo de São Paulo de Olivença e a todos os indígenas Omágua/Kambeba)

São Paulo cidade pacata
Que vem do rio, que vem da mata
De pele morena, de alma serena
No sangue a nobreza, minha bela pequena.

Guardas os segredos de bravos guerreiros,
As histórias dos que por ti passaram,
As lutas que em teu solo travaram,
O sangue, que teus filhos derramaram.

Enterradas em teu rico solo,
Estão as urnas de nossos ancestrais,
Daí a importância de nossos sítios arqueológicos,
Neles encontramos vestígios de cerimoniais,

Dos Kambeba, e de tantos povos,
Que de braços abertos recebestes para morar,
Trazidos de outras aldeias,
Pelas mãos dos que buscavam “catequizar”.

As lendas e mitos Kambeba,
Em ti venho buscar,
Me apresentas teu baú,
Tuas memórias, vens me contar,
Mostrando que és importante,
Por ser de fato, meu lugar.

São Paulo minha terra Kambeba,
Me sinto feliz por em teu solo estar,
Me encantas com tua beleza,
Me transmites calma e firmeza,
E nesse chão que me criei,
Hoje, volto a pisar.







BELÉM INDÍGENA – BELÉM CABOCLA
(Homenagem aos povos indígenas de Belém do Pará)

Belém chuvosa,
Mas carinhosa.
Menina manhosa,
Um pouco dengosa,
Na dança gingosa,
Das ondas do mar.

Belém minha cabocla
Menina cheirosa,
És Deusa da mata,
És “índia”, és mulata,
Nessa cor mestiça
Desse povo miscigenado

Belém dos Tembé,
Dos Mundurucu,
Dos Amanayé,
Dos Kaxuyana
Dos Araweté
Dos TUPI guarani
Dos Sateré-Maué.

Na alma a esperança
De ver florescer,
A união dos povos
Que lutam pra ver,
Sua cultura, sua crença
O respeito merecer.

Belém minha cabocla,
Menina formosa,
Um pouco dengosa,
Na dança gingosa,
Do rio Guamá.







O MAR DE AJURUTEUA
(Homenagem a beleza do mar)

O dia desponta brilhante
Saudando a mãe lemanjá,
Sua magia se vê florescer
Nas ondas que vem me abraçar,

Em um clima bem envolvente,
O sol vem iluminar,
Essa dança linda e marcante,
Do vento com as ondas do mar.

Nessa praia de sol escaldante,
Uma coisa não se pode esquecer,
De um povo valente e importante,
Que nessa terra a história fez nascer,

Plantando uma fruta interessante,
Vermelha e gostosa de comer,
Ajuru é o nome dessa fruta,
Que os indígenas batizaram e veio ser,
AJURUTEUA terra do Ajuru,
Linda praia que alegra meu viver.

No murmúrio do vento escuto,
A mensagem do Deus criador,
Me dizendo que o dom mais profundo,
É a vida que nos deu por amor.







NATUREZA EM CHAMA

Na terra sagrada
Que TUPÃ criou,
Do seio materno
Se ouve o clamor,
Da mãe natureza
Sofrendo de dor.

O fogo ardente,
Ao longe se vê,
Queimando a mata
Sem Q, nem porquê,
As folhas se torcem
Querendo viver.

No solo desnudo,
Os restos mortais,
Do verde da vida
E dos animais,
Queimados, sofridos
Em cinzas reais.

Dos gritos agudos
Se ouve o clamor,
Do fruto ardendo
Na chama, no calor,
Ceifado, perdido,
O fogo o calou.

Dos olhos tristes,
Uma lágrima cai,
O lamento de dor
Com o vento se vai,
Varrendo o chão,
Varrendo o chão!







A SINA DO PESCADOR

Ei Pescador, jogue a rede para Pescar!
Ei Pescador, tua sina é Pescar!

No banzeiro do rio,
Enfrenta a chuva e o frio,
Sob a noite serena,
É tempo de piracema.

Nessa estrada feita de água,
O pescador navega sozinho,
Tendo por companhia a mata,
E o canto do passarinho.

No decorrer de sua caminhada
Não tem medo de mais nada,
Sua fama de pescador
Fez dele um grande historiador,
Já viu desde alma penada
Até disco voador.

Lá vem chegando o pescador,
Prepara o fogo dona Maria,
Põe café no passador,
Amola a faca e o terçado,
Que o homem está apressado
Pra falar da pescaria.

Ei pescador, jogue a rede para pescar!
Ei pescador, tua sina é pescar!







CABOCLO RIBEIRINHO

Ao som do banzeiro do rio
As canoas vem, as canoas vão.

É o caboclo ribeirinho,
Que luta pelo seu sustento, pelo seu pão
Ele rema, joga a sua malhadeira
Esperando pegar um bom pirarucu
Ou um grande pirabutão.

Ao som da melodia dos pássaros,
Que voam em sua direção,
Ele segue o seu caminho,
Observando o horizonte,
que está além do alcance de sua mão.

Ao som do banzeiro do rio
As canoas vem, as canoas vão.

É o caboclo ribeirinho,
Que vive a vida com emoção,

Em meio ao verde e à margem do rio,
Cultiva a vida, sem muita preocupação.

Seu convívio em meio a natureza,
Fez dele um grande conhecedor,
Sabe os segredos da fauna e da flora,
Dom de Deus, o nosso criador,
Que se revela no entardecer da aurora.

Ao som do banzeiro do rio
As canoas vem, as canoas vão!



A stylized illustration of a young boy from the waist up. He has a neutral expression and is looking forward. His skin is a light brown color. He has intricate, dark brown body paint or tattoos on his face and torso. On his face, there are markings around the eyes and mouth. On his chest, there is a large, symmetrical, V-shaped design with radiating lines. The rest of his torso is covered in smaller, scattered markings. He is wearing a simple, light-colored loincloth. The background is plain white.

**PARTICIPAÇÕES
ESPECIAIS**



ROSA PETANY

(Rosa Vermelha)

Oh! Flor-Kambeba, pintada de urucum,
Teu coração doce e tua alma valente
Germinam na chama ancestral, a semente
Da Rosa Vermelha de beleza incomum!

Nela reluz a bravura da flor-guerreira,
O lendário arco-íris do fogo sagrado,
As tramas grafadas ao sol da fronteira
Do território de teus raios dourados!

Teus clamores – tambores de sapopema –
Voam como sementes de samaumeiras
E ao tocar o chão, semeiam os poemas
Da vida, que a vil ignorância queima!

Es tua sina, flor-vermelha majestosa,
Ter nascida perfumada e destemida,
Espanjando corola de flores ruborosas

Para semear estrelas de pétalas, esculpida
Sob o voar das borboletas graciosas,
Evocando a liberdade da voz esquecida!

Eylan Lins





KAMBEBA

Da flecha ancestral, eu guardo a memória.
Paisagens da história que o tempo apagou
No sangue Kambeba, a saga e a glória,
De um povo guerreiro que sempre lutou.

Na pele encauxada de sol e mormaço,
Grafismos antigos de guerra e de paz
E manchas do sangue que foi derramado
Dizendo pro branco, escravo, jamais!

No olho espichado, que lembra uma onça,
Lampejo de astúcia, firmeza no olhar
E um leve molejo, suave e silente
Na força contida, no jeito de andar

No jeito menina, com ar de inocente
Um “Q” de mistério que encanta e seduz
E a flor do sorriso dizendo que a vida
A cada momento, é um feixe de luz.

Eu sonho, que um dia,
A cultra do branco,
Entenda que em Deus, nossa pele é irmã
Não nego Javé porque sempre soube
Que em minha maloca
Seu nome, é Tupã!

Celdo Braga





NOBREZA

Ao longo do tempo,
no aço-reflexo do nosso espelho;
permanecerá fedelho,
como um quentíssimo abraço,

o meu sentimento lato!
Por essa voz maviosa,
pela presença gostosa,
porque tens o jeito exato

de espargir as vibrações,
de emoldurar as retinas,
por ser, talvez, tua sina,
cingir nossos corações!

Manaus ficará mais pobre,
sem tua presença nobre!

Miguel de Souza





VITÓRIA TÃO RÉGIA

Vitória tão régia no verde da folha
Em berço tão pleno no leito das águas
Do igarapé, floresta de pé
Corrente leva a semente
E o destino da gente
Espera brotar.

Meu rosto está nessas águas
Meu corpo na mata
Eu canto,
Eu chamo essa chuva que molha o meu chão
Rega as flores do norte,
O meu violão...
Vem pulsando bem forte
A vida no chão...

Que funde peças tão raras
Mosaico de folhas
Moldando, tecendo, criando um ecossistema
Que sofre e é devastado por ações humanas,
Mas luta, resiste, ressurgue e, as duras penas, vai.

Aonde ninguém duvida que possa chegar
O homem em sua corrida se presta a matar
Não olha pro futuro, não quer nem saber
Se há lugar seguro pra onde correr.

Vitória que mergulhou nos encantos da lua
Não deixe que negociem a terra que é sua
Emerge e traz em suas mãos um alento pra nós
Protege das vendas e trocas a floresta!

Adejana Meireles





MÁRCIA KAMBEBA

Missionária que perambula pelas
Arcádias pré-colombianas, sempre
Ricas em elevados valores humanos,
Carismática,
Inquieta diante da
Ampulheta que inexorável a tudo registra e em
seu registro és,

Kambeba...
Amiga, em sua maior magnitude
Morena, como tuas irmãs
Bem humorada e porque não falar da tua
Elegância e singeleza
Benevolência, sintetizando sempre na
Amplitude do verbo maior.
O Amor.

Leon Levi





GLOSSÁRIO DE PALAVRAS OMÁGUA/KAMBEBA USADAS NO LIVRO

Aracy – Luz da manhã
Awa – Homem
Euaracy – Sol
Iapuraxi – Dançar
Iapã – Vamos
Mapiritua – Bicho preguiça
May-tini – Homem branco
Rytama – Aldeia
Tanu-tyura – Nossos pequenos
Tanu muariry – Nossos netos
Tuyuca – Terra
Uka – Casa
Yaci – Lua
Yaci-tua – Lua cheia



A Amazônia acolheu em suas matas de beleza exuberante, uma diversidade de povos, ao longo dos tempos. Estimativas apontam que no território brasileiro habitavam aproximadamente cinco milhões de pessoas por ocasião da chegada de Pedro Álvares Cabral no ano de 1500. Se hoje, esse contingente populacional está reduzido, é porque muitas coisas ruins aconteceram.

O povo Omágua/Kambeba territorializado na várzea amazônica eram maioria em séculos passados (XVI, XVII, XVIII). Mas, por muito tempo ficaram silenciados, assumiram a identidade de caboclos em razão de muitos fatores causadores dessa redução, dentre eles as epidemias, mortes por arma de fogo, e escravidão, resultado do contato.

O livro *Ay Kakyri Tama (Eu moro na cidade)*, traz uma sequência de textos que tem por objetivo informar o leitor (a), sobre a história, existência e a importância histórica do povo Omágua/Kambeba para a formação de uma parcela do povo brasileiro. Mostra, que nos dias atuais, este povo luta pelo território, onde possam viver e manter sua cultura, seus rituais, caracterizando sua territorialidade, não só os indígenas que vivem na aldeia, como também os que vivem na cidade. A ideia é mostrar que o povo existe e que apesar das dificuldades resistiu a dizimação e hoje volta, assumindo sua identidade de povo Omágua/Kambeba, povo das águas. Cada poema traz uma sequência de fotos relacionadas ao texto, onde mostram a vivência na aldeia Tururucari-Uka e no interior do Amazonas, Alto Solimões. Temos ainda a participação de poetas amazonenses e paraenses com poemas dedicados ao povo. Mas, quem são os Omágua/Kambeba? E onde estão?

